



Coro dos torcedores por mais tempo ao atacante ganha força justamente quando se abre vaga no ataque

VICTOR PARRINI
Enviado Especial

A "Endrickmania"

Nova Jersey — Em tempos de debates fervorosos sobre Neymar, um jogador parece escapar de qualquer divergência. Aos 19 anos, Endrick Felipe Moreira de Sousa ainda espera a primeira oportunidade como titular na Copa do Mundo, mas conquistou algo raro no futebol brasileiro: a unanimidade. Na vitória por 3 x 0 sobre o Haiti, na Filadélfia, milhares de torcedores transformaram o nome do atacante em canto de arquibancada e pressionaram Carlo Ancelotti a colocá-lo em campo contra o Haiti.

O pedido foi atendido aos 19 minutos do segundo tempo. O coro de "Endrick, Endrick, Endrick..." ecoava das arquibancadas do Lincoln Financial Field quando Carlo Ancelotti decidiu chamar o atacante. Como tem acontecido nos jogos grandes da temporada, o garoto parecia iluminado. Bastaram poucos minutos para balançar as redes em uma jogada construída pela dupla sub-20 com Rayan. Lançado pela direita, bateu rasteiro entre as pernas do goleiro. O gol só não valeu porque a arbitragem flagrou posição irregular. A explosão da torcida, porém, foi real e escancarou a "Endrickmania".

"Fico muito feliz e agradecido. Estão acontecendo coisas extraordinárias na minha vida. Fiz um gol que acabou anulado, pude ajudar a equipe em diferentes funções e realizei o sonho de disputar uma Copa do Mundo. São coisas extraordinárias acontecendo na minha vida", celebrou na zona mista.

A entrada em campo também garantiu a Endrick um lugar na história. O atacante se tornou o sétimo jogador mais jovem a vestir a camisa da Seleção Brasileira em Copas do Mundo.

A lista é liderada por Pelé, lançado no torneio aos 17 anos, sete meses e 23 dias, e reúne nomes como Carvalho Leite, Marco Antônio, Tostão, Mazzola e, mais recentemente, Rayan.

Carlo Ancelotti foi o primeiro treinador de Endrick no futebol europeu.



Aos 19 anos, brasileiro Endrick entrou na história como um dos mais jovens a vestir a camisa da Seleção Brasileira em Copas do Mundo

OS 10 MAIS JOVENS A ESTREAR PELO BRASIL EM COPAS

Pelé:	17 anos,	7 meses e 23 dias (1958)	Rayan:	19 anos,	10 meses e 17 dias (2026)
Carvalho Leite:	18 anos,	1 mês e 25 dias (1930)	Endrick:	19 anos,	10 meses e 29 dias (2026)
Marco Antônio:	19 anos,	4 meses e 4 dias (1970)	Kaká:	20 anos,	1 mês e 21 dias (2002)
Tostão:	19 anos,	5 meses e 21 dias (1966)	Müller:	20 anos,	4 meses e 1 dia (1986)
Mazzola:	19 anos,	10 meses e 15 dias (1958)	Humberto Tozzi:	20 anos,	4 meses e 23 dias (1954)

Alisson salva defesa

Nova Jersey — Há placares enganosos na Copa do Mundo. Seis dias atrás, a Espanha teve 74% de posse de bola contra Cabo Verde, trocou mais de 800 passes, finalizou 27 vezes e não saiu do zero no empate com os estreantes no torneio. Na noite da última sexta-feira, na Filadélfia, o Brasil cumpriu a obrigação ao vencer o Haiti por 3 x 0. Voltou a sair ileso após seis partidas consecutivas sendo vazado, mas isso está longe de significar que os problemas defensivos foram resolvidos.

Se não fosse Alisson, a Seleção Brasileira poderia ter levado o empate. Sim, o goleiro titular do Brasil pela terceira Copa do Mundo consecutiva precisou fazer três intervenções importantes para preservar a vantagem construída por Matheus Cunha e Vinicius Júnior ainda no primeiro tempo. Com o resultado encaminhado, a equipe reduziu a intensidade, baixou as linhas e convidou o Haiti a jogar. O adversário aceitou o

convite e encontrou espaços que poderiam ter custado caro.

A boa notícia para Carlo Ancelotti é que a estrutura defensiva parece cada vez mais definida. Marquinhos e Gabriel Magalhães formam uma dupla consolidada na zaga, enquanto Danilo ganha força na disputa pela lateral direita pela capacidade de iniciar jogadas e oferecer equilíbrio. Pela esquerda, Douglas Santos fez uma partida segura e recebeu liberdade para apoiar o ataque. O retorno ao 4-2-4 também trouxe ajustes importantes ao sistema de proteção.

Contra o Marrocos, Casemiro apareceu muitas vezes distante da área e deixou a equipe exposta. Diante do Haiti, Ancelotti corrigiu a rota. O volante passou a recuar entre os zagueiros em diversos momentos, transformando a saída de bola em uma linha de três defensores e, em determinadas fases da partida, em um bloco de cinco homens à frente de Alisson.

A mudança trouxe mais estabilidade, mas não eliminou os problemas. O Brasil continuou vulnerável em alguns momentos de transição e voltou a depender do goleiro. A explicação passa menos pelo posicionamento da linha defensiva e mais pelo comportamento coletivo. A equipe alternou momentos de pressão e de espera, nem sempre com a coordenação necessária entre os setores. Quando os atacantes deixavam de pressionar a saída haitiana, surgiam espaços entre o meio-campo e a defesa. Foram sinais positivos, mas ainda insuficientes para decretar que a questão defensiva está resolvida.

Ancelotti reconheceu a perda de intensidade da equipe após o intervalo, mas tratou o cenário como consequência natural do contexto do torneio. Com a Escócia no horizonte, na quarta-feira em Miami, e o desgaste acumulado pela sequência de jogos, o treinador optou por administrar a vantagem.



Goleiro titular do Brasil pela terceira Copa consecutiva fez três intervenções importantes contra o Haiti

"Eles chegaram bastante porque mudaram um pouco o sistema e passaram a criar mais em comparação com o primeiro tempo. Também tivemos oportunidades de contra-ataque, marcamos um gol com Endrick, acertamos a trave com Martinelli. Poderíamos ter jogado melhor, com mais intensidade, mas este é um

momento da Copa em que também precisamos pensar nos próximos jogos", justificou.

A resposta definitiva sobre a evolução defensiva brasileira virá na quarta-feira. O Haiti chegou à Filadélfia sem marcar gols na Copa do Mundo e terminou a partida da mesma forma. A Escócia representa um desa-

fio mais exigente. Os britânicos venceram os haitianos por 1 x 0 e criaram dificuldades ao Marrocos na derrota pelo mesmo placar. Será um termômetro mais confiável para medir se o Brasil realmente corrigiu os problemas defensivos ou apenas os escondeu sob um placar confortável. (VP)

DRIBLÉ DE CORPO NA COPA

Marcos Paulo Lima



Não se consagra um sistema dominante — estabelece a fluidez como regra. Talvez essa seja a maior mudança do futebol de seleções: não se joga mais em um sistema, mas entre sistemas

Visão tática da Copa

A Copa do Mundo de 2026 confirma uma tendência irreversível no futebol de seleções: os sistemas táticos deixaram de ser estruturas fixas e passaram a funcionar como organismos vivos. Ainda assim, alguns modelos se repetem com mais frequência. É possível identificar quais países os utilizam como base.

O mais comum segue sendo o 4-3-3, embora em versão altamente maleável. O Brasil de Carlo Ancelotti é um dos exemplos mais claros

dessa lógica: a equipe se organiza inicialmente em linha de quatro defensores e três meio-campistas, mas muda rapidamente para um 4-2-3-1 sem a bola e o 2-3-5 na fase ofensiva. O objetivo é controlar o jogo por ocupação de espaço, não por rigidez posicional.

Portugal também aparece nesse mesmo bloco do 4-3-3 como base de variação, explorando amplitude e movimentação constante entre linhas. Alemanha e México seguem

lógica semelhante, com pressão alta e reorganização rápida após a perda da posse.

O 4-2-3-1, muitas vezes invisível no desenho inicial, é o sistema mais recorrente na prática defensiva do torneio. França e Inglaterra são os exemplos mais evidentes desse modelo. Ambas utilizam dois volantes como base de proteção, um meia central de ligação e extremos que alternam entre amplitude e recomposição. É o sistema do controle: sofre pouco e acelera no momento certo. O "modo de segurança" das grandes potências.

O terceiro bloco é o dos sistemas

com três zagueiros. O modelo cresce como resposta direta à pressão alta e à necessidade de saída limpa. O 3-4-3 e o 3-4-2-1 aparecem com frequência em seleções como Japão, Croácia e algumas equipes africanas em ascensão, como Marrocos e Senegal.

O Japão se destaca pela fluidez entre alas e meio-campo. A Croácia aposta na organização para compensar limitações físicas. Marrocos e Senegal combinam intensidade, força e transições rápidas como identidade estrutural.

Mas nenhuma seleção simboliza a melhor a nova fase do futebol do

que os Estados Unidos. O time do técnico argentino Mauricio Pochettino alterna entre 4-3-3 e 4-2-3-1 com naturalidade rara, mas o diferencial está na intensidade sem bola: pressão coordenada, agressividade pós-perda e capacidade de transformar jogo defensivo em ataque em poucos segundos. Em muitos momentos, os EUA parecem jogar em um 4-4-2 de pressão alta, comprimindo o adversário no próprio campo.

Mais do que um sistema, os Estados Unidos representam uma ideia: a de um futebol atlético, vertical e em constante aceleração. Não é o modelo mais refinado tecnicamente,

mas talvez seja o mais fiel ao espírito da Copa em 2026.

O resultado é um Mundial em que o sistema inicial importa cada vez menos do que a capacidade de adaptação. O 4-3-3 pode virar 4-2-3-1 em segundos. O 3-4-3 pode se transformar em 5-4-1 sem bola. E o 4-2-3-1 pode virar bloco de pressão alta dependendo do contexto.

No fim, a Copa de 2026 não consagra um sistema dominante — estabelece a fluidez como regra. Talvez essa seja a maior mudança do futebol de seleções: não se joga mais em um sistema, mas entre sistemas.